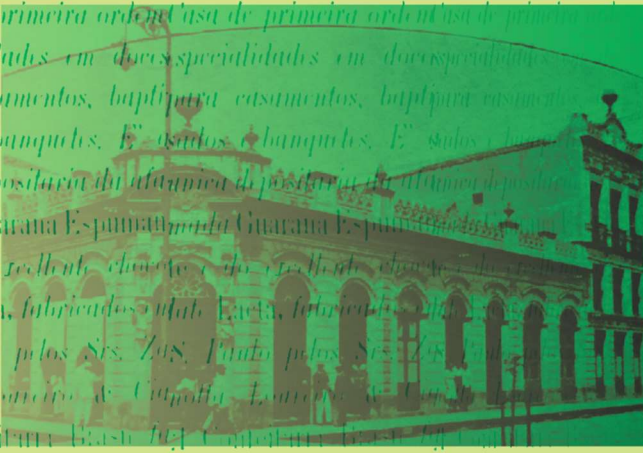




História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem
especialidades em doces especialidades em doces especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, batizados para casamentos, batizados para casamentos, batizados para casamentos,
casamentos e banquetes. E casamentos e banquetes. E casamentos e banquetes. E casamentos e banquetes.
única depositária da afamada única depositária da afamada única depositária da afamada depositária
marca Guarana Espumante marca Guarana Espumante marca Guarana Espumante marca Guarana Espumante
do e do excelente chocolate e do excelente chocolate e do excelente chocolate e do excelente chocolate
fab. Laeta, fabricados em fab. Laeta, fabricados em fab. Laeta, fabricados em fab. Laeta, fabricados em
S. Paulo pelos Srs. Zúñiga, Paulo pelos Srs. Zúñiga, Paulo pelos Srs. Zúñiga, Paulo pelos Srs. Zúñiga,
Luiz Loureiro & Companhia Luiz Loureiro & Companhia Luiz Loureiro & Companhia Luiz Loureiro & Companhia
A. Confeitaria Brasileira A. Confeitaria Brasileira A. Confeitaria Brasileira A. Confeitaria Brasileira





Obra publicada pela

Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral

Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas

Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelon

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres

Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

CONSELHO EDITORIAL

Representante das Ciências Agrônomicas: Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (Titular), Cesar Valmor Rombaldi (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente) | Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Adelar José Strieder (titular) e Juliana Pertille da Silva (suplente) | Representante da Área das Ciências Biológicas: Raquel Ludke (suplente) | Representante da Área das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto | Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leoneti Lencina (titular) e Giovanni Felipe Ernst Frizzo (suplente) | Representante da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Célia Helena Castro Gonsales | Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte e Guilherme Camargo Massau (suplente) | Representantes da Área das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva (titular) e Maristani Polidori Zamperetti (suplente)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Director: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vicari

Vice-Director: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2017

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.23, (dez. 2017). – Pelotas: Editora da UFPel, 2017.
iv.

Annual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em dezembro de 2017**

O OVO DA SERPENTE: LITERATURA DISTÓPICA E A GENEALOGIA DO FASCISMO (1905-1914)

THE SERPENT'S EGG: DYSTOPIC LITERATURE AND THE GENEALOGY OF FASCISM (1905-1914)

Kelton Bruno Sabatke¹

Resumo: Em 1940, o escritor George Orwell publicou no jornal *Tribune* de Londres um artigo intitulado *Prophecies of Fascism* [Profecias do Fascismo] que continha revisões bibliográficas de romances distópicos publicados anos antes por Aldous Huxley, H.G. Wells, Jack London e, pelo hoje menos ilustre, Ernest Bramah. Apesar de suas diferenças e peculiaridades, todas possuíam em comum certa “pretensão premonitória”, cujos méritos foram reconhecidos por Orwell, especialmente, à medida que a marcha do fascismo tornava-se cada vez mais evidente e ameaçadora na Europa. Dentre as obras analisadas, Orwell dedica especial atenção a *The Iron Heel* [O Tacho de Ferro], de London. De acordo com ele, o que faz o livro de London parecer mais preciso do que os demais é o fato de o autor possuir o que Orwell intitulou “centelha fascista”.

Palavras-chave: Distopia, Fascismo, Literatura.

A escolha estilística do termo *prophecy* [profecia], sugere uma teleologia que não se verifica, ao menos não de maneira explícita, ao longo do corpo do artigo de Orwell. O que prevalece, do contrário, é uma perspectiva histórica evolutiva, que visa identificar e acompanhar o processo diacrônico de amadurecimento do ideário totalitário. Atônitos, os intelectuais contemporâneos aos regimes autoritários buscavam encontrar no passado as origens político-ideológicas que justificassem a súbita ascensão do fascismo. Sob este viés, pode-se afirmar que Orwell, muito provavelmente, não pretendia identificar profetas, no sentido estrito da palavra. As obras por ele elencadas não deveriam ser entendidas como “antecipações” de um futuro sombrio, mas sim, enquanto fontes históricas privilegiadas – mais, ou menos, verossímeis. O que as torna especiais é o fato de sugerirem a circulação de certo ideário autoritário em seus respectivos lócus de produção, anos antes de o fascismo de extrema direita tornar-se uma ameaça concreta.

Em maior ou menor medida, os autores em questão haviam imaginado para a civilização ocidental um futuro sombrio, de opressão e obscurantismo, de violência e de morte. Com o início da 2ª Guerra, em 1939, parecia que esse

¹ Historiador formado pela UFPR e mestrando em História Contemporânea no PPGHIS UFPR. E-mail: kelton.bruno.sabatke@gmail.com

futuro de desesperança e terror havia finalmente chegado. Orwell dedica especial atenção à obra de London, que estava sendo reeditada à época, mas que já havia sido traduzida para diversos idiomas - inclusive o alemão - e que era tida por leitores da esquerda germânica, segundo Orwell, como uma espécie de previsão sobre a ascensão política de Adolf Hitler. Apesar de questionar essa interpretação, evidenciando o fato de que muitos dos fatores que propiciaram o fascismo – como, por exemplo, o recrudescimento do nacionalismo após a 1ª Guerra e a assinatura do Tratado de Versalhes – não poderiam ter sido “previstos” em 1907, ano de escrita do *Tacão de Ferro*, Orwell afirma que London possuía um traço que o diferenciava dos demais autores e, por extensão, capacitava-o sobremaneira para interpretar o funcionamento da sociedade ocidental. Ao contrário de Huxley, Bramah e Wells, London não era um “[...] fully civilized man”, ou seja, nas palavras de Orwell, não era completamente civilizado. Em um primeiro momento, tal afirmação pode parecer depreciativa. No entanto, é esse “instinto selvagem” que o permitira segundo Orwell, enxergar na iminente contrarrevolução conservadora que conduziria ao fascismo, uma luta violenta pela sobrevivência:

Está acontecendo uma mudança na sociedade, uma grande mudança; mas, felizmente, pode não ser a mudança que o urso² está prevendo. O urso disse que vai nos esmagar. E se nós [a elite] esmagarmos o urso? (LONDON, 2011, p. 79). [A change, a great change, is coming in society; but, haply, it may not be the change the bear anticipates. The bear has said that he will crush us. What if we crush the bear?] (LONDON, 1908, p. 96)

Apesar de descrever os membros das classes dominantes como monstros sanguinários, London os vê como seres tão corajosos, hábeis e devotados à manutenção do status quo, quanto os revolucionários que tentavam colocar termo à ordem estabelecida. De acordo com Orwell (1940, p. 3),

In an intellectual way London accepted the conclusions of Marxism, and he imagined that the ‘contradictions’ of capitalism, the inconsumable surplus and so forth, would persist even after the capitalist class had organized themselves into a single corporate body. But temperamentally he was very different from the majority of Marxists. With his love of violence and physical strength, his belief in ‘natural aristocracy’, his animal-worship and exaltation of the primitive, he had in him what some might fairly call a Fascist strain. This probably helped him to understand just how the possessing class would behave when once they were seriously menaced. [Intelectualmente, London aceitava as conclusões do Marxismo, e imaginava que as ‘contradições’ do capitalismo, o excedente inconsumível e assim por diante, persistiriam mesmo depois de a classe

² N.E. Metáfora utilizada no trecho em questão para simbolizar a ameaça do proletariado revolucionário.

capitalista organizar-se em um único grupo corporativista. Mas em seu temperamento ele era muito diferente da maioria dos Marxistas. Com seu amor pela violência e pela força física, sua crença em uma 'aristocracia natural', sua adoração pela essência animal e exaltação dos instintos primitivos, ele possuía em si o que alguns podem chamar, muito justamente, como uma centelha fascista. Isso provavelmente o ajudou a compreender exatamente como as classes dominantes iriam comportar-se, uma vez que, estivessem seriamente ameaçadas].

Como resolver essa aparente contradição ideológica observada por Orwell? Quais teriam sido as influências intelectuais e as condições socioeconômicas que levaram Jack London a compor sua retórica política heterodoxa? As raízes, as origens da ideologia desposada por Jack London ao longo de sua vida são diversificadas. Felizmente, dispomos atualmente de um vasto acervo documental sobre o autor que nos permite, ainda que indiretamente, buscar reconstruir sua trajetória pessoal. Sabemos, por exemplo, por meio do biógrafo Irving Stone, que London fora um ávido leitor de Marx, Darwin, Nietzsche e Spencer. Podemos encontrá-los, a todo o momento, em suas obras. Após a leitura de *O Tacão de Ferro*, é possível identificarmos algumas dessas ideias, que perpassam o socialismo revolucionário, tangenciado o darwinismo social e o super-homem nietzschiano.

O Tacão de Ferro foi escrito ao longo de 1906-1907, meses após o malfadado ensaio da Revolução Russa de 1905. O exemplo russo certamente exerceu influências decisivas sobre a composição da narrativa de London, além de marcar, de forma indelével, a construção do imaginário político ocidental nas décadas seguintes. O período histórico relatado em *O Tacão de Ferro* é entendido pelo historiador Eric Hobsbawm como delimitador de drásticas transformações que viriam a influenciar a civilização ocidental até os dias atuais. A grande ruptura, de acordo com Hobsbawm, que colocaria um fim à Belle Epoque do mundo burguês, foi a eclosão da Primeira Guerra, ponto final do longo século XIX iniciado com a Revolução Francesa em 1789. Mesmo que não fosse possível, segundo Hobsbawm (2005, p.27), realizar grandes projeções sobre o futuro naquele momento, havia a sensação generalizada de que um mundo essencialmente diferente estava sendo construído e que a sociedade ocidental estava prenhe do futuro:

[...] é compreensível que observadores — e não apenas observadores hostis à sociedade burguesa — tenham sentido a era da história mundial em que eles viveram nas últimas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial como algo mais que apenas outra fase de desenvolvimento. De uma forma ou de outra, o período parecia antecipar e preparar um mundo qualitativamente diferente do passado.

Esta perspectiva, de um futuro potencialmente promissor, influenciou autores que exprimiam em suas obras a esperança de que o século XX demarcaria a aurora de uma “Era de Ouro” da humanidade. O renomado H.G. Wells, escritor britânico de ficções científicas vinculado à Sociedade Fabiana³, revelou-se um prolífico produtor de utopias que relatavam a materialização dos anseios progressistas, refletidos no surgimento vindouro de sociedades justas e igualitárias, repletas de felicidade. Por outro lado, havia autores, como Jack London, bem mais contidos e reticentes em relação ao futuro. London via com reservas o excessivo otimismo de muitos socialistas que julgavam ser iminente a superação do capitalismo, postura que lhe rendeu o rótulo de “pessimista” após a publicação de *O Tachão de Ferro* (LONDON, 2011, p. 11). Coincidência ou não, o protagonista Ernest Everhard enfrenta destino semelhante na narrativa: ao alertá-los sobre os perigos de uma eventual contra-revolução “[...] seus camaradas o chamaram de ave de mau agouro” (LONDON, 2011, p. 166). [... his comrades called him a calamity howler] (LONDON, 1908, p. 218).

London poderia não estar completamente certo, mas havia motivos sólidos para descrença e preocupação. Além do rescaldo violento do levante russo de 1905, o período foi marcado por uma intensa escalada industrial dos países desenvolvidos - apoiada nos recentes avanços científicos e em uma organização racional do trabalho - que gerou muita riqueza. Seus frutos, entretanto, acabaram restritos a um seleto grupo de grandes capitalistas. Os trabalhadores não foram convidados para o banquete. Beneficiados por políticas econômicas abertamente liberais, pelo *laissez-faire* que conduziria à traumática Crise de 1929, os barões da indústria acumulavam dividendos e poder político em proporções semelhantes. A crítica social acentuara-se nos primeiros anos do século XX em resposta ao aprofundamento das desigualdades e, no meio artístico, escritores que passaram a denunciar as injustiças do capitalismo liberal desfrutavam de grande popularidade à época, atuando ativamente em prol da conscientização política de seus leitores. Dentre eles, destacava-se especialmente Jack London (KARNAL, pp. 187-188).

³ N.E. Movimento político britânico criado em fins do século XIX, de orientação social-democrata e anti-revolucionária. Dentre seus mais ilustres apoiadores encontram-se intelectuais como George Bernard Shaw, Virginia Woolf, Bertrand Russell além, é claro, do já mencionado H.G. Wells.

Yoursours, for the Revolution!

Quem foi o romancista que, durante anos, assinara suas cartas com um “- Seu, para a revolução”, e que peregrinou pelos EUA divulgando o socialismo revolucionário? Eu lhes apresento Jack London, um dos mais populares escritores norte-americanos do século XX, autor de clássicos que se mantiveram relevantes na cultura nacional estadunidense décadas após sua morte precoce, aos 40 anos, em 1916. Sua biografia é repleta de situações extremas: foi pirata de ostras na Baía de San Francisco e passou breve período encarcerado, durante o fim da adolescência, acusado de vagabundagem; na virada do século, atuou como minerador no Alaska durante a “febre do ouro” no leito do rio Klondike, o que acabou lhe propiciando intenso contato com a natureza indômita e, em consequência, inspiração para diversas de suas mais celebradas obras; correspondente de guerra na Ásia durante o conflito entre os impérios russo e japonês pela posse da Manchúria, em 1904; abastado burguês e ávido velejador que singrou os mares ao redor do mundo e, por fim, mas não menos importante; um ativo membro do Partido Socialista, tendo concorrido pelo partido, em duas ocasiões, ao cargo de prefeito de Oakland, na Califórnia (1901-1905). Em 1905, acabaria aceitando convite para realizar palestras sobre o socialismo pelos EUA:

A turnê não poderia ter vindo em melhor hora. Em todo o país o socialismo estava sendo calorosamente discutido depois do rescaldo do levante russo, de janeiro de 1905, e dos resultados conseguidos pelo Partido Socialista nas eleições presidenciais em novembro de 1904. Eugene V. Debs havia obtido 402.460 votos, muito menos que o vencedor, Theodore Roosevelt, 7.628.834, porém, mesmo assim, um desempenho notável (KERSHAW, 2013, p. 208).

Durante esse período, London incendiou-se do mais ardente furor político, como nunca lhe ocorrera antes e jamais voltaria a repetir-se até o fim de sua vida. É razoável supor, portanto, que seu ativismo político capacitava-o, sobremaneira, para escrever sobre a revolução já que, como preconizara Aristóteles em sua *Poética* (2008, p. 73), “[...] dos poetas com o mesmo talento, os mais convincentes são os que sentem as emoções: quem sente fúria transmite fúria e quem está irritado mostra irritação de forma mais realista”. Jack London, advindo de humildes origens proletárias e contando, à época da publicação de *O Tachão de Ferro*, um longo e penoso histórico de jornadas insalubres e mal pagas de trabalho operário, passou a divulgar a boa nova do socialismo (ainda que, por vezes, a expensas de beneméritos camaradas revolucionários) aos desfavorecidos e pouco instruídos. Segundo Eric Hobsbawm (2005, p. 181):

Essa mensagem, a de unidade de todos os que trabalham e são pobres, foi

levada até os mais remotos cantos dos países, por agitadores e propagandistas. E eles traziam igualmente a organização, a ação coletiva, estruturas sem a qual a classe operária não poderia existir como classe; e por meio da organização, adquiriam aqueles quadros de porta-vozes que podiam articular os sentimentos e esperanças dos homens e mulheres que não os saberiam enunciar.

Ainda que dotado de vasto repertório cultural e intelectual, London não chegara a concluir o ensino superior. No entanto, o garoto socialista (como fora rotulado durante sua passagem pela Universidade de Berkeley) atuou com afinco para tornar-se um escritor profissional e, bem-sucedido comercialmente, viveu parte de sua breve vida com muito conforto. Sua alta produtividade artística explica-se por uma rígida rotina laboral: ele sempre se atribuía cotas de páginas a serem escritas todos os dias pela manhã, quer houvesse ou não inspiração para tal. Para o biógrafo Alex Kershaw (2013, p. 235), esta obstinação produtiva explicaria por que muitas das obras de London compartilham temáticas correlatas e, principalmente, as diferenças significativas de qualidade entre algumas delas, repudiadas por críticos contemporâneos a London como mero autoplágio. Estas informações são relevantes porque a grande maioria das suas obras ficcionais relacionam-se de forma direta com suas experiências pessoais. Ficção e realidade confundiam-se em quadros literários pintados com as cores de sua época.

De seu período no Klondike em busca de ouro, London retirou inspiração para diversos contos e romances extremamente populares como *White Fang* [Caninos Brancos], publicado em 1906 e *The Call of the Wild* [O Chamado da Natureza] de 1903, o “[...] clássico norte-americano mais lido de todos, com milhões de exemplares vendidos” (KERSHAW, 2013, p. 166). Em ambos, London revela significativas influências de darwinismo social, implícitas em suas crenças acerca da inevitabilidade do triunfo dos mais “fortes” e mais adaptados sobre os mais “fracos”. Suas inúmeras aventuras marítimas serviram de pano de fundo para *The Sea Wolf* [O Lobo do Mar] de 1904 - adaptado para o cinema, com relativo sucesso em 1913 e mais de uma dezena de vezes ao longo do século XX - e *The Mutiny of the Elsinore* [O Motim do Elsinore], publicado em 1914. Entre a vasta gama de material produzido por Jack London incluem-se obras de caráter autobiográfico, que parecem desvelar a intimidade do autor de forma, ora sutil, ora muito explicitamente. Segundo Alex Kershaw (2013, p. 323), há muito sobre London em *Martin Eden* (1909), que revelaria suas dificuldades em enquadrar-se na sociedade burguesa da Califórnia do fim de siècle – perante a qual sempre se vira como um pária, por conta de suas origens humildes e; John Barleycorn (1913), que narra sua luta contra o alcoolismo abusivo, iniciado ainda na adolescência e que lhe acompanharia por toda a vida.

Jack London também atuou como jornalista social e correspondente mundo afora. Em 1903, publicou *The People of the Abyss* [O Povo do Abismo], um relato em primeira mão do que testemunhara ao longo de meses morando nos subúrbios do East End, em Londres - ora permanecendo na casa de humildes trabalhadores, ora dormindo nas ruas. Em *O Tachão de Ferro*, inclusive, há um capítulo intitulado *O Povo do Abismo*, expressão tomada de empréstimo do escritor britânico H.G. Wells. Foi ainda correspondente de guerra para os jornais de William Randolph Hearst (em quem Orson Welles, mais tarde, basearia o filme *Cidadão Kane*) durante o conflito entre japoneses e russos, em 1904-1905. London acompanhou os desdobramentos da querela em solo japonês e suas impressões sobre a população local não foram das melhores. Ao ver um grupo de prisioneiros de guerra russos, afirmou que preferiria ficar atrás das grades com eles à “[...] permanecer em liberdade no meio de alienígenas” (KERSHAW, 2013, p. 187). Quando retornou à América, London publicou um artigo intitulado “*The Yellow Peril*” [O Perigo Amarelo] no qual demonstrava profundo desprezo por japoneses e chineses, afirmando que ambas as populações representariam a principal “[...] ameaça para o mundo ocidental” (KERSHAW, 2013, p. 188). À época, diga-se de passagem, a presença de imigrantes orientais na região de San Francisco era quantitativamente notável. A recepção do público ao artigo, obviamente, não foi das melhores. Posteriormente, em reunião do comitê do Partido Socialista em Oakland, quando questionado sobre suas afirmações, London teria amaldiçoado segundo um de seus camaradas, “[...] a raça amarela inteira nos mais ultrajantes termos [...]” e, em resposta às afirmações de seus correligionários de que, no Japão, também havia um proletariado e que Marx preconizara a solidariedade entre os explorados sob o lema “- Trabalhadores de todos os países: uni-vos!”, London os redarguiu afirmando que, antes de ser um socialista, era um homem branco (KERSHAW, 2013, p. 189).

A relevância desta breve biografia visa demonstrar que sempre havia muito de Jack London em suas ficções e, como não poderia deixar de ser, isto se repete - de forma ainda mais intensa e evidente - em *O Tachão de Ferro*. As narrativas de suas exóticas aventuras saciavam um público consumidor ávido por conhecimento e entretenimento. De que outras formas poderiam eles saber como era a vida de um minerador em condições climáticas tão adversas como as do longínquo Alaska? Ou a de um marinheiro nas ilhas do Pacífico Sul? London poderia oferecê-los tudo isto, o que “era” e o que poderia “ter sido”, sempre a partir de elementos de verossimilhança que dificilmente poderiam ter sido criados por outros autores que não houvessem testemunhado in situ tudo aquilo que ele vislumbrara. Dentre tantas histórias que retratam a natureza selvagem e o afã humano em subjugá-la (temática

recorrente na bibliografia de London), O Tacão de Ferro compõe uma exceção por voltar-se, de forma quase exclusiva, às questões políticas da sociedade americana da qual Jack London era um dos expoentes culturais. Em seu livro, London retrata uma tentativa de levante popular socialista que é duramente reprimido pelas forças hegemônicas das grandes corporações e monopólios, sob uma perspectiva muito clara e delineada da luta de classes.

Para aproximar, ainda mais, a narrativa distópica de O Tacão de Ferro da realidade vivenciada por seus leitores, London lança mão do personagem Anthony Meredith, um historiador que atua como narrador das desventuras e infortúnios descritos no diário de Avis Everhard, esposa do protagonista Ernest. Na trama, Meredith recompõe a trajetória do levante socialista por meio dos relatos de Avis, sua “fonte histórica”, buscando contextualizá-la, na medida do possível, não com o tempo da narrativa, mas com o tempo de produção do romance de Jack London: as notas de rodapé em O Tacão de Ferro, inseridas pelo “historiador” Meredith, não raro fazem referência a eventos contemporâneos à escrita da obra e, somente deixam de ser factíveis quando a narrativa ficcional do romance ultrapassa, temporalmente, a sociedade real, projetando-se sobre o distópico futuro imaginado por London. Mesmo quando os olhos de Meredith/London se voltam para o porvir, as referências revelam-se coerentes, especialmente, levando-se em consideração que, dentre os cenários possíveis - dado o contexto sócio histórico de início do século XX - o imaginado por London não deixa de ser condizente com a visão de mundo determinista que julgaríamos poder encontrar em um marxista pretensamente ortodoxo como ele. A tétrica distopia era um dentre tantos futuros possíveis. Em termos gerais, é possível identificar em O Tacão de Ferro uma filosofia da história progressista, que visava criar relações de causalidade e impor uma ordem teleológica entre os eventos reais retratados e seus possíveis desdobramentos futuros:

Na seqüência ordenada da evolução social, não havia lugar para ele [o Tacão de Ferro]. Não era necessário, e não era inevitável. Permanecerá como uma grande curiosidade da história: um capricho, uma fantasia, uma aparição, algo inesperado e nunca sonhado; e isto deveria servir de alerta para os severos teóricos políticos de hoje que falam com tanta clareza dos processos sociais (LONDON, 2011, p. 15). [In the orderly procedure of social evolution there was no place for it. It was not necessary, and it was not inevitable. It must always remain the great curiosity of history – a whim, a fantasy, as apparition, a thing unexpected and undreamed; and it should serve as a warning to those rash political theorists of to-day who speak with certitude of social processes] (LONDON, 1908, p. XII).

London não deixara de crer na vitória da classe operária, não obstante, vislumbrava que o desenlace final do projeto socialista demandaria mais tempo

e, principalmente, maiores sacrifícios por parte dos trabalhadores do que imaginavam líderes da esquerda norte-americana de então. Sua intenção era a de reforçar no público a percepção de que os sinais sombrios apontados em seu romance distópico encontravam ressonância e estabeleciam condições de causalidade críveis com eventos pretéritos e contemporâneos ao período de escrita da obra. Neste interstício, inúmeros fatos relevantes ocorreram e foram devidamente mencionados por London através do personagem Meredith como, por exemplo, o grande terremoto que devastou San Francisco em 1906, além de reflexões sobre as condições sociais dos imigrantes: “Na época [início do século XX], a distinção entre as pessoas nascidas no país e as que vinham de fora era aguda e discriminatória” (2011, p. 33) [The distinction between being native born and foreign born was sharp and invidious in those days] (1908, P. 25); e as influências do poder econômico no cotidiano das pessoas: “Nessa época, grupos de indivíduos vorazes controlavam todos os meios de transporte e cobravam muito do público pelo uso” (2011, p. 36) [In those days, groups of predatory individuals controlled all the means of transportation, and for the use of same leveled toll upon the public] (1908, p. 30). O excessivo poderio auferido por alguns poucos privilegiados é relatado em vários trechos do romance, mas, fica quantitativamente flagrante, em uma nota de rodapé de Meredith que estende-se, em sua íntegra, por quase três páginas:

Os Rockefellers [que já monopolizavam a produção de óleo e gás por meio da Standard Oil] entraram para as minas: ferro, carvão, cobre, chumbo; para outras companhias industriais; para o transporte urbano, nacional, estadual: bonde e trens; para o transporte marítimo de carga e passageiros; para o telégrafo; para o ramo imobiliário: arranha-céus, residências, hotéis e conjuntos comerciais; no ramo de seguros de vida e bancário. Logo, não havia ramos da indústria onde seus milhões não estivessem em ação...O banco dos Rockefellers, o National City Bank, é, de longe, o maior banco dos Estados Unidos (LONDON, 2011, P. 124). [The Rockefellers went into mines – iron and coal and copper and lead; into other industrial companies; into street railways, into national state, and municipal bonds; into steamships and steamboats and telegraphy. Into real estate, into skyscrapers and residences and hotel and business blocks; into life insurance, into banking. There was soon literally no field of industry where their millions were not at work... The Rockefeller bank – the National City Bank – is by itself far and away the biggest bank in the United States] (LONDON, 1908, pp. 160-161).

Se havia verossimilhança suficiente na narrativa de Jack London para que seus objetivos subliminares cumprissem sua missão - e os dados referentes à recepção da obra são sugestivos de que seus leitores, assim como George Orwell, identificaram nos sinais apontados por London, ao longo das décadas seguintes à publicação, as primeiras sombras projetadas pelo espectro do fascismo (ORWELL, 1940) - parece-nos justo que o autor tenha reconhecidos

seus méritos por ter executado, de forma satisfatória, um dos preceitos estabelecidos por Aristóteles em sua tradicional Poética (2008, p. 99):

Não deve julgar-se se alguém diz ou faz alguma coisa bem ou mal unicamente pelo que é feito ou dito, examinando se é bom ou mau, mas considerando também quem faz ou diz, para quem ou quando ou a quem ou por que motivo: se, por exemplo, é para conseguir um bem maior ou para evitar um mal maior.

Uma América socialista?

Como observado anteriormente, Jack London usualmente flertava com o real na composição de suas narrativas e, como não poderia deixar de ser, as condições políticas, econômicas e sociais dos EUA na primeira década do século XX serviram de inspiração e plano de fundo para o desenvolvimento da trama ficcional de *O Tacono de Ferro*. O pujante crescimento econômico nacional, ilustrado nas grandes fortunas amalhadas pelos “capitães de indústria” e seus onipresentes monopólios, não repercutiu em melhoria nas condições de subsistência dos operários. O proletariado, em sua grande maioria, recebia salários insuficientes para a manutenção de um padrão minimamente razoável de vida. Não havia benefícios sociais e, tampouco, mecanismos que protegessem os trabalhadores diante de crises econômicas, oscilações bruscas do mercado, arrocho salarial ou perda de emprego (KARNAL, 2007, p. 177). A desigualdade crescente no período deu impulso à organização sindical e à contestação política: o *Industrial Workers of the World* (IWW), sindicato cuja atuação foi duramente reprimida pelas autoridades, buscava a formação de um grande movimento nacional que vislumbra a tomada do poder pelo proletariado. Os wobblies, como eram conhecidos popularmente os membros do grupo, [...] rejeitavam as formalidades das relações de trabalho institucionalizadas, argumentando que a “ação direta” – greves, mobilizações, manifestações, ocupações – era mais eficiente do que as negociações contratuais (KARNAL, 2007, p. 185).

A atuação política radical do grupo foi influenciada, em grande medida, pelas ideias anarcossindicalistas circulantes na Europa à época e visava à realização de uma ampla e irrestrita greve geral que seria, no entendimento dos líderes do movimento, o prenúncio de uma revolução socialista. A reação dos patrões e das elites dominantes, como seria de se esperar, foi das piores possíveis: autoridades uniram-se pelo país afora para prevenir a realização de palestras e manifestações do grupo que, por sua vez, respondeu realizando

⁴ N.A. O IWW foi fundado em Chicago, em 1905 e, coincidência ou não, a violenta Comuna descrita por London em *O Tacono de Ferro* ocorre nessa cidade.

contundentes e, relativamente bem-sucedidas, campanhas em defesa da liberdade de expressão. A força do Estado, entretanto, desequilibrou o conflito em favor dos poderosos: “[...] milhares de ativistas foram presos e espancados pelas polícias, milícias e vigilantes particulares e dezenas deles acabaram assassinados [...]” (KARNAL, 2007, pp. 185-186).

Nem toda atuação política da esquerda era, necessariamente, revolucionária no período. O SPA - Socialist Party of America - fundado em 1901, crescia em popularidade e influência, principalmente, junto à população de imigrantes que, em grandes cidades como Nova York, Chicago e Detroit passavam de 80% dos habitantes. A mobilização das classes subalternas refletia a precariedade de suas condições de vida: em solo norte-americano, ao menos 1,7 milhões de crianças menores de 16 anos ainda trabalhavam em fábricas e campos no início do século XX; entre 1889 e 1903, em média dois negros foram linchados por semana nos estados do Sul; e em termos gerais, a exploração extrema da classe trabalhadora - baixos salários, carga horária excessiva e condições insalubres de trabalho - eram defendidas pelo capital como algo natural. Esta crença baseava-se na doutrina pseudocientífica do darwinismo social muito em voga, à época, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos (KARNAL, 2007, pp. 176-187). Em que pese o crescimento econômico e a evidente tendência de que os grandes monopólios garantiriam o protagonismo norte-americano em um mercado cada vez mais globalizado (KARNAL, 2007, p. 176), a situação dos mais pobres pouco mudou por conta do sucesso dos grandes capitalistas. Nos primeiros anos do século XX, cerca de metade dos operários da indústria trabalhavam em empresas com mais de 250 funcionários, em sua maioria, em corporações gigantescas que monopolizavam amplos setores da economia. Estes verdadeiros colossos, que combinavam poderio industrial e financeiro, como a Carnegie Steel de Andrew Carnegie e a Standard Oil de John D. Rockefeller, dominavam o mercado interno norte-americano e ampliavam seu predomínio global. Segundo Leandro Karnal (2007, p. 177), “[...] o Senado dos Estados Unidos relatou, em 1903, que o banqueiro J.P. Morgan participava da diretoria de 48 corporações enquanto John D. Rockefeller, presidente da Standard Oil, atuava em 37”. Morgan, um dos homens mais ricos da virada do século XX nos EUA, fez fortuna em Nova York atuando, principalmente, em investimentos imobiliários e no mercado financeiro.

Havia uma preocupação do Estado em relação à excessiva acumulação financeira nas mãos de grupos monopolistas, o que motivou o então presidente, Theodore Roosevelt, a propor medidas capazes de controlar o surgimento de grandes conglomerados. A atitude de Roosevelt foi

influenciada, principalmente, por uma grave crise que atingiu a economia norte-americana em 1907 (também citada ao longo de *O Tão de Ferro*), impulsionada, em grande medida, pelos prejuízos que a devastação do terremoto de 1906 havia causado às seguradoras locais. Houve pânico generalizado no mercado financeiro, motivado pela falência de grandes empresas e a bancarrota de muitos investidores individuais. A economia liberal revelou-se um imenso e frágil castelo de cartas. A cidade de Nova York - coração financeiro norte-americano que pulsava, diuturnamente, no ritmo da Wall Street - acabou sendo salva da insolvência financeira graças à ajuda do banqueiro J.P. Morgan, em uma ação conjunta que envolveu também outros grandes industriais da época, como Andrew Carnegie e John D. Rockefeller⁵, então o homem mais rico dos EUA (BRUNER & CARR, 2007, p. 131). A aflição com este acúmulo é exposta em diversos trechos pelo personagem Ernest Everhard: “[...] chegará o dia em que a fusão dos monopólios controlará todas as leis; em que a fusão de monopólios será o próprio governo” (LONDON, 2011, p. 107) [There will come a time when the combination of the trusts will control all legislation, when the combination of the trusts will itself be the government] (LONDON, 1908, p. 135). A atuação política de líderes socialistas, sindicalistas e anarquistas trouxe resultados. Ainda que, popularmente incipientes, representantes de uma minoria absoluta, a pressão exercida pelos radicais motivou a adoção de tímidas políticas públicas em âmbito nacional, com o intuito de mitigar as agruras e sofrimentos dos mais desfavorecidos. Entretanto, segundo Leandro Karnal,

[...] as campanhas reformistas foram extremamente diversas e frequentemente contraditórias, contando, em um lado do espectro, com socialistas que queriam transformação social e política profunda e, no outro lado, com empresários e políticos de partidos tradicionais incomodados com o mal-estar provocado pelos descontentamentos nos meios industriais. (2007, p. 185)

Conexões ultramarinas

Na Europa, a situação dos trabalhadores era muito semelhante, entretanto, o histórico de lutas era mais extenso do que nos EUA. Organizados em sindicatos de inspiração marxista, trabalhadores buscavam a ampliação de direitos e, como causa última, a superação do capitalismo liberal burguês. Com a tentativa de Revolução Russa de 1905, tida por Lênin como um “ensaio” para o levante vitorioso de doze anos mais tarde, os trabalhadores

⁵ N.A. As fortunas amealhadas em vida por Rockefeller e Carnegie os colocam, em valores corrigidos, entre os dez homens mais abastados de todos os tempos. Disponível em <http://www.nydailynews.com/news/top-10-richest-people-time-gallery-1.1186737?pmSlide=1.1186733>. Consultado em 22/08/2017.

descobriram, de forma trágica, que as elites dominantes resistiriam e que o capitalismo não sucumbiria naturalmente, como uma flor que cai de seu ramo ao fim da estação. London incluiu em *O Tachão de Ferro* uma referência direta, ainda que sutil, ao grande ensaio russo. Ao referir-se aos agitadores controlados pela Oligarquia com o intuito de atacar a imprensa e insuflar a violência, London chamou-os de “Centenas Negras”, em menção aos grupos organizados pela aristocracia russa e responsáveis por atacar os revolucionários ou promover, infiltrados, badernas que garantissem ao Czar as justificativas necessárias para ordenar a convocação dos cossacos (tropa de elite leal aos Romanov). Afirma Ernest que:

As Centenas Negras estão sendo organizadas nos Estados Unidos [...] É apenas o começo. Haverá mais. O Tachão de Ferro está se tornando atrevido. [...] Semana a semana, outros jornais socialistas foram impedidos de circular [...] e em vários casos, as Centenas Negras destruíram as gráficas destes jornais (LONDON, 2011, P. 130). [The Black Hundreds are being organized in the United States. This is the beginning. There will be more of it. The Iron Heel is getting bold. Week by week more of the socialist papers were barred from de mails, and in a number of instances the Black Hundreds destroyed the socialist presses] (LONDON, 1908, p. 169).

Curioso observar que essa referência ao levante russo e à metodologia de atuação política violenta dos reacionários é muito similar à praticada por fascistas italianos anos mais tarde. O primeiro ato político público após a fundação do Partido Fascista Italiano ficou marcado pelo ataque violento ao jornal trabalhista *Avanti*, em abril de 1919. Ironicamente, Mussolini, fundador do fascismo e o futuro Duce da Itália, fora editor deste mesmo periódico de esquerda em período anterior ao da Primeira Guerra, entre 1912 e 1914 (PAXTON, 2004, p. 15). Voltando a Jack London, pode-se dizer que o autor, de certa forma, mimetizava nos EUA as vertentes de socialismo revolucionário e ação política direta então em voga na Europa, tidos como modelos a serem seguidos. O internacionalismo marxista preconizava a correlação entre os diversos movimentos nacionais:

[No início do século XX] os partidos socialistas e trabalhistas cresciam em quase toda parte, num ritmo que, dependendo do ponto de vista do observador, seria extremamente alarmante ou maravilhoso. Os líderes se animavam fazendo triunfantes extrapolações da curva de crescimento anterior. O proletariado estava destinado [...] a tornar-se a grande maioria do povo. [...] Ou, como dizia o novo hino do socialismo mundial: “A Internacional será a raça humana” (HOBSBAWM, 2005, p. 170).

A grande diferença em relação ao que ocorria na Europa relacionava-se com as estruturas democráticas disparem em ambas as margens do Atlântico Norte. No Velho Mundo o socialismo - historicamente bem estruturado -

beneficiava-se da crescente democratização observada na virada do século. Mesmo a Rússia czarista, após 1905, caminhava para o desenvolvimento de um sistema político baseado em um eleitorado cada vez mais amplo e, principalmente, dominado pelo povo comum (HOBSBAWM, 2005, p. 129). Os EUA de Jack London contavam, no início do século XX, com bases democráticas sólidas estabelecidas já há mais de dois séculos, mas, o socialismo ainda engatinhava, especialmente, se comparado ao que ocorria na Europa. Apesar de contar com um partido socialista desde 1901, o movimento norte-americano parecia tão incipiente em comparação aos congêneres europeus, a ponto de, levar um estudioso alemão a perguntar-se, em 1906, “Por que não existe socialismo nos EUA?”. Segundo Eric Hobsbawm (2005, p. 169), no período, “[...] a existência de partidos operários e socialistas de massas era já a regra: a ausência deles é que surpreendia”. Em 1895, Friedrich Engels vislumbrara, no crescimento democrático, a antecâmara para a ascensão socialista. Para Engels (1978, p. 571), “[se o crescimento dos votos socialistas] continuar desta maneira, até o fim deste século [XIX] nós socialistas poderemos conquistar a maior parte dos estratos médios da sociedade, os pequenos burgueses e camponeses, transformando-nos na força decisiva do país”. Se o otimismo de Engels aplicava-se ao cenário europeu, no qual muitos países ainda efetuavam uma lenta e incompleta transição para a democracia, seria de esperar que, em um país com longa tradição democrática – como os EUA – este processo poderia ocorrer de forma natural e menos traumática. Engels (1978, p. 571), porém, não deixou de fazer um alerta: “Os conservadores já perceberam que a legalidade trabalha contra eles. [...] Não [lhes] resta nada além de tentar encontrar suas próprias brechas na legalidade”. Sob a iminência de que, a democratização irrestrita, relegaria às massas populares – ampla maioria da população – a prerrogativa de decidir os rumos políticos do país, seria de se esperar que as classes dirigentes - conforme sugerido por Engels e, posteriormente, por Jack London - atuassem para atenuar o potencial explosivo que o poder nas mãos do proletariado poderia trazer à sociedade:

De fato, o que aconteceria na política quando as massas populares, ignorantes e brutalizadas, incapazes de entender a elegante e salutar lógica do mercado livre de Adam Smith, controlassem o destino político dos Estados? O mais provável é que seguissem o caminho que conduziria àquela revolução social cujo breve ressurgimento, em 1871, tanto apavorara a gente respeitável. A revolução, em sua antiga forma insurrecional, talvez não parecesse mais iminente; mas não se ocultaria ela atrás de alguma concessão mais ampla do sufrágio, que se estendesse para além dos estratos dos proletários e das pessoas instruídas? Não levaria isso, inevitavelmente, ao comunismo [...]? (HOBSBAWM, 2005, p. 127)

O conceito básico da democracia, em seu sentido clássico, a credencia



como o governo par excellence das massas populares. Parece-nos evidente que os interesses de ricos e pobres, salvo raras exceções, não serão coincidentes e irão entrecostar-se de forma recorrente em ambientes democráticos ou que, ao menos, as soluções defendidas pelos privilegiados tendem, historicamente, a preterir os desprivilegiados. O estabelecimento de alicerces democráticos sólidos que, efetivamente, garantissem a participação e o respeito às deliberações da maioria, colocaria em cheque as estruturas de dominação há tempos estabelecidas. Não à toa, segundo Hobsbawm (2005, p. 143), “[...] os contemporâneos pertencentes às camadas superiores da sociedade davam-se conta, vivamente, dos perigos de uma política democratizada e, de modo geral, da progressiva centralidade das massas”. A partir dos trechos anteriormente elencados, parece claro que o temor externado por Jack London em *O Tachão de Ferro*, de que as classes dominantes reagiriam ao avanço dos ideais socialistas no campo democrático – muitas vezes, de forma violenta e repressora – tinha razão de ser, muito embora, tenha sido superestimado pelo autor, ao menos no caso norte-americano. Em contextos nacionais diferentes, como na Alemanha, onde a causa da revolução do proletariado ganharia cada vez mais adeptos ao longo das primeiras décadas do século XX, o contra-ataque das classes dominantes deu-se de forma análoga à ocorrida no romance de London o que levou, inclusive, muitos leitores da esquerda alemã a identificarem em *O Tachão de Ferro* uma espécie de “profecia” da ascensão política de Adolf Hitler (ORWELL, 1940).

As consequências nefastas resultantes de uma possível reação ao movimento socialista foram, quase sempre, marginalizadas no debate político e, a cisão ocorrida no bloco da esquerda - no início do século XX - exerceu enorme influência para que as discussões se focassem muito mais nos meios, do que nos fins. Conforme observado por Hobsbawm, (2005, p. 149) os movimentos de massas socialistas sofreriam uma distensão interna com o surgimento e/ou fortalecimento de alas moderadas e reformistas na virada do século. Mesmo entre os marxistas, havia aqueles que, como Eduard Bernstein, acreditavam que a política do eleitoralismo de massas forneceria evidências públicas de seu crescimento político, além de propiciar que quadros menos radicais do movimento pudessem ser eleitos e compor, sem ruídos, o governo, fazendo parte efetivamente do sistema. Se parecia inimaginável - na maior parte dos países - que os socialistas assumissem o poder, do ponto de vista prático, ao menos a busca por um alinhamento político amplo, que viabilizasse reformas pontuais, revestia-se de certa perspectiva de êxito (HOBSBAWM, 2005, p. 149). Do outro lado, permaneceram os defensores da ação direta revolucionária, que viam na participação política dos partidos de esquerda uma adesão implícita ao status quo. A cisão do campo socialista seria lamentada

décadas mais tarde. Em 1940, Orwell afirmava com pesar que os marxistas revolucionários só conseguiram identificar no fascismo - e não na social democracia - seu principal antagonista quando já estavam, eles próprios, às portas dos campos de concentração. Essa divisão e a aparente passividade dos socialistas democratas evidenciam-se nas palavras de Antonio Gramsci, em 1921, acerca da atuação dos socialistas no Parlamento Italiano:

O que se propõem a fazer os socialistas [democráticos] e os chefes confederados para impedir que sobre o povo italiano venha a cair a tirania do estado maior, dos latifundiários e dos banqueiros? Estabeleceram algum plano? Tem algum programa? Ao que parece, não. [...] Os socialistas [democráticos] jamais consideraram seriamente a possibilidade de um golpe de Estado [...]. Habitados a ruminar estupidamente algumas fórmulas pseudomarxistas negam a revolução [...] (GRAMSCI, 1974, p. 79).

A arte imita a vida e, a ficção de Jack London, não deixa de pautar-se também por este debate. Muito embora pretenda operar dentro do sistema político, com a candidatura de Ernest Everhard ao Congresso, o movimento socialista descrito em *O Tacão de Ferro* guia-se, invariavelmente, pela causa revolucionária. Em reiterados trechos da narrativa, London demonstra sua descrença nas instituições democráticas, deixando explícita a expectativa de que, em caso de uma eventual - e pouco provável - vitória socialista nas eleições, o poder lhes seria arrancado das mãos, ou melhor, nem seria formalmente transmitido à esquerda. Como alternativa à iminente impossibilidade, segundo London, de se conquistar o governo por meio do sufrágio democrático, surge a ação direta violenta e revolucionária que inicia-se, conforme preconizado pelo anarcossindicalismo europeu, por meio de uma greve geral. Segundo Eric Hobsbawm, os ideais revolucionários estavam em voga e eram amplamente debatidos na época:

A natureza da revolução foi a questão dominante dos debates sobre política proletária durante todo o período. O que estava em discussão não era a fé numa total transformação da sociedade, mesmo estando muitos líderes e militantes demasiado absorvidos nas lutas imediatas para interessar-se por um futuro remoto. Era antes o fato de, seguindo uma tradição de esquerda que remontava para além de Marx e Bakunin, a 1789 ou mesmo a 1776, as revoluções espelarem mudanças sociais fundamentais por meio de uma súbita, violenta e insurrecional transferência de poder. (2005, p. 191)

Personagem principal de *O Tacão de Ferro*, o revolucionário Ernest Everhard também reflete, em grande medida, o zeitgeist da virada do século, unindo o racionalismo progressista burguês - apropriado pela esquerda proletária, sua "substituta" - e traços marcantes de irracionalismo romântico, especialmente, na composição de sua personalidade heroica. Um dos aspectos mais relevantes, conforme descrito por Ernest Cassirer em *O Mito do Estado*

é a tendência romântica em produzir heróis incorruptíveis e donos de uma vontade indômita. Retornando ao fictício revolucionário Ernest Everhard, tais referências explicitam-se já no trocadilho explícito criado por London como seu sobrenome: o líder da revolução, aquele que conduziria o levante do proletariado é “Everhard”, ou seja, em tradução livre, sempre firme. Além disso, Everhard encaixa-se perfeitamente com o protótipo descrito por Hobsbawm para o período em questão:

Entre 1905 e 1914, o típico revolucionário ocidental era provavelmente uma espécie de sindicalista revolucionário que, paradoxalmente, rejeitava o marxismo como ideologia de partidos que faziam uso dele como escusa para não tentar fazer a revolução. (2005, p. 194)

Fazer parte do jogo político e, portanto, integrar-se ao sistema, desagradava aos socialistas revolucionários, mas, a atuação dos socialdemocratas rendeu alguns frutos às classes trabalhadoras. Ainda que, a contragosto, muitos países foram induzidos por pressões políticas a iniciarem um claudicante processo de concessões reformistas, que tinha por objetivos, também, como não poderia deixar de ser, cortar as raízes da agitação socialista. Leis foram aprovadas para atenuar as condições de trabalho e, em lugares como a Alemanha, Austria e Inglaterra, esboços de previdência social (aposentadorias, seguros-desemprego e de saúde) começaram a surgir. Em outras nações, gestos semelhantes, ainda que, apenas simbólicos, sinalizavam uma tentativa de impedir a ebulição da sociedade, mas, nos EUA de Morgan, Carnegie, Rockefeller e Jack London, nem isso. No início do século, como observado anteriormente, não havia uma legislação nacional que regulasse o trabalho de crianças e adolescentes norte-americanos. Acidentes de trabalho eram comuns, como o do personagem Jackson, que perdeu o braço em uma prensa enquanto trabalhava em um moinho do qual o pai de Avis era um dos acionistas em O Tachão de Ferro. Quando a esposa de Ernest toma ciência dos infortúnios experimentados pelo operário, vivencia uma espécie de epifania política, especialmente, quando informada pelo advogado que defendera Jackson de que,

[...] eram constantes os acidentes na fábrica e que a política da empresa consistia em lutar até o fim contra quaisquer reivindicações de indenização (LONDON, 2011, p. 50). [there were many accidents in the mills, and that the company's policy was to fight to the bitter end all consequent damage suits] (LONDON, 1908, p. 51).

Entretanto, tal qual no romance, segundo Eric Hobsbawm (2005, p. 151), “[...] por volta de 1905, leis geralmente disponíveis estipulavam indenizações a operários em caso de acidente, mas não interessaram o Congresso e foram condenadas pelos tribunais como inconstitucionais”. A

despite dos eventuais avanços obtidos pelos socialdemocratas, a divisão do campo da esquerda acentua-se após o fracasso do levante russo, com o fortalecimento de uma crescente esquerda radical composta, principalmente, por rebeldes, militantes sindicalistas de base, intelectuais dissidentes e revolucionários de diversas matizes. Os radicais rejeitavam os partidos proletários de massa – em seu ponto de vista, inevitavelmente, reformistas e burocratizados – e sua forma passiva de atuação política. Em vez disso, preconizavam a ação direta do proletariado, que deveria organizar-se e promover, por meio de uma greve geral, a revolução. Essa metodologia política fora intitulada anarcossindicalismo por conta do “[...] casamento entre revolucionários sociais extremados e a militância sindicalista descentralizada, associada em variáveis graus às ideias anarquistas” (HOBBSAWM, 2005, p. 193) e, a vinculação entre socialistas e anarquistas no período, expõe o fato de que, por vezes, os meios de atuação política considerados poderiam ser comuns, mesmo quando os fins eram diversos. A primazia da ação direta, denominador comum no caso anteriormente elencado, não por acaso seria invocada reiteradamente nas décadas seguintes, mesmo na retórica de líderes fascistas que apropriaram-se e resignificaram, para utilizarmos os conceitos elaborados por Deleuze e Guattari, as linhas de fuga do ideário revolucionário.

Conforme afirma J.P. Faye em *Introdução às Linguagens Totalitárias*, o nazismo em seus primórdios, na década de 1930, valeu-se de críticas contundentes ao liberalismo e ao capitalismo – em muito semelhantes às realizadas pelos marxistas – para construir um discurso em defesa da “revolução conservadora” do nacional-socialismo. O anarcossindicalismo e sua exortação à ação política direta, conforme descrita nas obras de ideólogos como o francês Georges Sorel representariam, neste sentido, a raiz comum do radicalismo político do século XX. Não por acaso, as *Reflexões sobre a Violência* de Sorel, constam como referências para autores relevantes, quer fossem revolucionários, quer reacionários. Marxistas de extrema-esquerda e fascistas de extrema-direita beberam eventualmente da mesma fonte e, não raro, o fascista de hoje fora o marxista revolucionário de outrora. Além do anteriormente exposto - e muito emblemático - caso de Benito Mussolini, *A Era dos Impérios* de Eric Hobsbawm também traz relatos sobre como eram intercambiáveis e voláteis os posicionamentos políticos no período:

E se a muito discutida crise do setor artesanal tradicional empurrou alguns grupos de mestres-artesãos para a direita radical, anticapitalista e anti-proletária, como aconteceu na Alemanha, poderia igualmente, como na França, intensificar-lhes o jacobinismo anticapitalista ou o radicalismo republicano. (2005, p. 182-183)

Referências

BACZKO, Bronislaw. Utopia. **Enciclopédia Einaudi**, v. 5. Anthropos Homem. Porto: Imprensa Nacional/ Casa Moeda, 1985. p. 365.

BERLIN, Isaiah. **Limites da utopia**: capítulos da história das ideias. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BRUNER, Robert; CARR, Sean. **The Panic of 1907**: lessons learned from the market's perfect storm. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2007.

CASSIRER, Ernst. **O mito do estado**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

CHAUI, Marilena. Notas sobre utopia. **Cienc. Cult.** [online], v. 60, n. 1, p. 7-12, 2008.

DELUMEAU, Jean. **Substituir a utopia pela lucidez**. O expresso. Portugal, 5 dez. 1998.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. In: **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

FAYE, Jean-Pierre. **Introdução às linguagens totalitárias**: teoria e transformação do relato. São Paulo: Editoria Perspectiva, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Sobre el fascismo**. Cidade do México: Ediciones Era, 1974.

HERDER, Johann G. **Idées sur la philosophie de l'histoire de l'humanité**. Londres: Presses Pocket, 1991.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KERSHAW, Alex. **Jack London**: uma vida. São Paulo: Benvirá, 2013.

LONDON, Jack. **O tacão de ferro**. São Paulo: Boitempo, 2011.

LONDON, Jack. **The iron heel**. Nova York: Macmillan, 1908.

PAXTON, Robert O. **The anatomy of fascism**. Nova York: Alfred A. Knopf, 2004.

TROUSSON, Raymond. **Du millénarisme à la théorie du progrès: L'an 2440 de L.-S. Mercier**. Bruxelles: Academia Real de Literatura de Língua Francesa da Bélgica, 1982.

Abstract: In 1940, George Orwell published in the Tribune of London an article called Prophecies of Fascism which contains a bibliographical review of dystopic romances written in the previous years by Aldous Huxley, H.G. Wells, Jack London and, the today less known, Ernest Bramah. Despite of his differences and peculiarities, all of them share some “premonitory intention” recognized by Orwell, especially, when the fascist’s march became more evident and threatening throughout Europe. Between the analyzed books, Orwell dedicates special attention to *The Iron Heel*, of London. According to him, what makes London’s novel looks more accurate comparing to the others, is the fact that the author had, itself, what Orwell calls a “fascist strain”.

Keywords: Dystopia, Fascism, Literature.
